

PrOA

Entrevista

Peter Sloterdijk
Filósofo



P.PANTEL, DIVULGAÇÃO

“A história é o choque de sistemas imunológicos”

CARLOS ANDRÉ MOREIRA

carlos.moreira@zerohora.com.br

LETÍCIA DUARTE

leticia.duarte@zerohora.com.br

Um dos mais contundentes filósofos contemporâneos, o alemão Peter Sloterdijk estará em Porto Alegre na segunda-feira, dia 3, como convidado do Fronteiras do Pensamento. Autor de Crítica da Razão Cínica, best-seller na Europa na década de 1980 que faz alusão ao clássico kantiano Crítica da Razão Pura, ele sustenta que a marca do nosso tempo é a racionalidade cínica. Um tempo de inocências perdidas

e “consciências infelizes”, em que nos tornaríamos “cúmplices” de desorientação, como ele descreve nesta entrevista, concedida por e-mail.

Atualmente reitor da Escola Superior de Design, em Karlsruhe, é um pensador que transita entre o erudito e o popular. Até 2012, ao lado do colega Rüdiger Safranski (biógrafo de Nietzsche e Kant), Sloterdijk apresentou o programa de TV O quarteto filosófico, analisando temas atuais. Sua mais recente publicação no Brasil é Esferas I: Bolhas, primeiro volume da trilogia que é considerada sua obra-prima e que ganha edição no Brasil pela Estação Liberdade.

Qual deve ser o assunto de sua conferência em Porto Alegre?

O discurso que vou fazer em Porto Alegre vai lidar com a impossibilidade de paz em uma realidade global marcada pela colisão de sistemas imunológicos incompatíveis. Aqui entendo o termo “sistema imunológico” não em seu significado biológico ou médico, mas em um sentido muito amplo que abarca todas as instituições, rituais, leis e hábitos mentais baseados na experiência de que existem coisas nocivas acontecendo no mundo – coisas que preferiríamos evitar. O confronto das nossas medidas de prevenção produz rivalidade, guerra, e a tendência a minimizar as chances de sobrevivência das culturas concorrentes. Cada cultura na Terra desenvolveu um conjunto diferente de medidas de proteção, a fim de garantir sua própria continuidade. Daí a nova definição: toda história é a história do choque entre sistemas imunológicos. O que costumamos

chamar de “ética” é o esforço para superar as forças destrutivas encarnadas em sistemas concorrentes de autopreservação.

Enquanto Marx denunciava uma “consciência falsa” que precisaria ser esclarecida, o senhor diz que a marca da sociedade contemporânea é a “falsa consciência esclarecida”, caracterizada pelo cinismo. Qual seria o mais icônico exemplo dessa razão cínica nos dias de hoje?

Marx estava errado quando pretendia que toda crítica devia começar com a crítica da “religião”. A verdadeira crítica tem de começar pelos falsos conceitos. A ideia de que Deus queria destruir a humanidade no Dilúvio é uma expressão pesada de como as pessoas podem se sentir culpadas, mas é um conceito falso. A ideia de que as viúvas devem ser queimadas com seus maridos também é um falso conceito. Para colocar a questão paradoxalmente como ela é: religião não tem nada a ver com religião. Na verdade, é tudo sobre a imunidade. Marx entendia “religiões” como invenções errôneas, em sua maioria ingênuas, que ajudaram os seres humanos a sobreviver aos sofrimentos de suas condições normais de vida. Deste ponto de vista, Marx permaneceu um Feuerbachiano medíocre: Deus é a projeção da humanidade no céu. Antes de realmente compreendermos a diferença entre a ilusão ingênua e a “falsa consciência esclarecida” – a definição de cinismo –, temos de deixar claro que as assim chamadas religiões são parte desses sistemas imunológicos abrangentes que chamamos de culturas. O cinismo surge quando a revolta e o “progresso” parecem tornar-se ideias vazias. Os cínicos clássicos do século 19 eram aristocratas decepcionados, às vezes os derrotados pela política bombástica de Napoleão. Não por acaso, essas pessoas preferiram a vida noturna, como vampiros e poetas malditos. No século 20, as enormes decepções provocadas pelos fracassados movimentos socialistas também deram origem a um rico espectro de fenômenos cínicos. O pior caso hoje, porém, é o movimento de massa dos irados perdedores do sonho americano.

Com a crise de 2008, muitos se apressaram em declarar o fim do capitalismo financeiro. Mas dados recentes mostram que as grandes fortunas especulativas só aumentaram. Por que o senhor acha que isso aconteceu?

De um ponto de vista antropológico, os seres humanos preferem estar entre os bons. Se isso não é mais plausível, uma tristeza moral vai recair sobre nossas vidas. Temo dizer que a palavra-chave para as “consciências infelizes” do nosso tempo é “cumplicidade”.

Vejo muito poucos elementos “conservadores” nos novos movimentos de direita em todo o mundo, se por conservadorismo entendermos o justo sentimento pelos valores do passado. Vejo raiva contra a civilização como tal e ódio profundo contra as “elites”.

A suposição de que a crise provocada pelo Lehman Brothers poderia ser o anúncio do fim do capitalismo financeiro foi um revival de nostalgias do socialismo tardio. Ela continha uma boa dose de esperanças de desastre suspeitas – o que significa que o fenômeno do cinismo não tem necessariamente afinidade com um determinado campo político.

Ainda sobre a crise: ela levou pessoas às ruas para manifestações contra a falta de regulamentação do capital. Na época, muitos tiveram a esperança de que se abririam a partir dali alternativas ao atual modelo. Por que, em sua opinião, essas alternativas não parecem ter florescido, e, pelo contrário, assistimos a um avanço global da direita conservadora?

Em nossos dias, a síndrome do cinismo como uma revolta agressiva contra a ideia de justiça, progresso e boa vontade está novamente alterando o campo partidário. Vejo muito poucos elementos “conservadores” nos novos movimentos de direita em todo o mundo, se por conservadorismo entendermos o justo sentimento pelos valores do passado. Percebo, em vez disso, muita raiva contra a civilização como tal e um ódio profundo contra as “elites” – sintomas que conhecemos muito bem das tentações totalitárias do século 20. Entre os intelectuais franceses tem havido, nos últimos meses, um debate significativo sobre a nova “desmoralização”.

O senhor também afirma que esse cinismo social é portador de um “quantum de infelicidade”, que deixa os cínicos vulneráveis, como num luto por uma “inocência perdida”. Isso explicaria o avanço da depressão como doença marcante de nosso século?

De um ponto de vista antropológico, os seres humanos comuns preferem estar entre os bons. Se isso não é mais plausível, uma certa tristeza moral vai recair sobre nossas vidas. Temo dizer que a palavra-chave para as “consciências infelizes” do nosso tempo é “cumplicidade”. Isso significa que a possibilidade de inocência, como tal, está desaparecendo. Como é triste não sermos capazes de ser melhores do que somos. Isso não significa que todos nós somos parceiros no crime, mas parceiros na desorientação.

Em seus escritos, o senhor também tem alertado que a globalização capitalista não

representa apenas abertura, mas também uma certa redoma que separa os “de dentro” dos “de fora”. Em que medida o fenômeno da migração de refugiados para a Europa é uma expressão disso? Que desdobramentos o senhor imagina que esse afluxo trará para os próximos anos?

A diferença entre os “de dentro” e os “de fora” é essencial para um entendimento profundo de nossos tempos. Envolve o problema fundamental do mundo moderno: sua principal característica é a irresistível tempestade de urbanização. A migração contém apenas uma forma de expressão dessa “mudança climática” da vida rural para a existência na cidade grande. A propósito, os maiores fluxos migratórios têm ocorrido no interior da China e da Índia, a maioria deles completamente ignorados pelo resto do mundo. Em comparação com desafios daquelas dimensões, as preocupações de americanos e europeus de que muitos “deles” poderiam tentar cruzar as fronteiras são episódios de menor importância.

O senhor defende que uma das maneiras de ultrapassar o cinismo seria pelo resgate de virtudes originais do cinismo da antiguidade, o “kinismo”, o que incluiria o riso e a insolência. Qual seria o primeiro passo para essa virada?

Eu não repetiria essas frases hoje. Elas foram escritas em um espírito de frivolidade juvenil. Parece-me agora que há riso e insolência o suficiente no mundo. Lembre-se de como Breivik gargalhava quando matou aqueles jovens na ilha (o terrorista norueguês de extrema-direita Anders Behring Breivik matou a tiros 76 jovens integrantes do Partido Trabalhista, 68 deles caçados a tiros em um acampamento de verão na ilha de Utoya). E não vejo falta de insolência, em nenhum campo. É muito melhor meditar sobre a palavra grega *brotoi*. Significa “os mortais”. Originalmente, designava o sangue que pinga de um ferimento. Portanto, estamos sangrando, e temos que estar preparados para morrer. Que conceito simples e profundo! Se os seres humanos são mortais e se ser mortal significa depender de sistemas imunes em geral – em todos os níveis, simbólico, jurídico, econômico –, então um primeiro passo de uma ética não idiota para seres mortais deveria consistir em uma Grande Declaração Geral de Dependência.

FRONTEIRAS DO PENSAMENTO

Peter Sloterdijk estará em Porto Alegre na próxima segunda-feira, dia 3 de outubro. O encontro será às 19h45min no Salão de Atos da UFRGS (Avenida Paulo Gama, 110). **Os ingressos estão esgotados.** As próximas palestras serão de **Ian McEwan** (24 de outubro), **Michel Houellebecq** (7 de novembro) e **Jan Gehl** (21 de novembro).

O Fronteiras do Pensamento Porto Alegre é apresentado por Braskem, com patrocínio Unimed Porto Alegre e parceria cultural PUCRS. Empresas parceiras: Liberty Seguros, CMPC Celulose Riograndense, Souto Correa, Sulgás e Stihl. Parceria institucional Hospital Mãe de Deus, Fecomércio e Unicred e apoio institucional UFCSPA, Embaixada da França e prefeitura de Porto Alegre. Universidade parceira: UFRGS. Promoção: Grupo RBS